



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do Protocolo de Intenções de Valorização do Salário Mínimo

Palácio do Planalto, 27 de dezembro de 2006

Eu quero, primeiro, cumprimentar os companheiros dirigentes sindicais e os companheiros ministros que souberam, da forma mais civilizada possível, se colocar em torno de uma mesa e encontrar um denominador comum que pudesse atender, senão as aspirações e o desejo que temos com relação ao salário mínimo que cada um constrói na cabeça como ideal, atender aquilo que era possível fazer de melhor para que nós continuássemos a política de recuperação do salário mínimo.

Queria agradecer a compreensão do Congresso Nacional, porque quando o Congresso Nacional tem compreensão e vota as coisas corretas, a gente não está livre de pegar alguém que queira chegar no mês de maio e fazer uma apresentação. Mas não se preocupem que eu veto. Se alguém tentar extrapolar o limite do que foi acordado, não tenham dúvida que eu veto, como vetei, antes das eleições, a demagogia daquele aumento que quiseram dar. Até porque eu acho que o Brasil precisa de muita seriedade para que a sociedade comece a confiar no País, comece a confiar nos seus dirigentes, nos seus legisladores, comece a confiar nas instituições, e aí nós vamos perceber que vai ficar muito mais fácil fazermos o que tem que ser feito no Brasil. A discussão sobre reforma não será traumática, a discussão sobre salário mínimo não será traumática, e nenhuma discussão será traumática se ela for feita por gente que tem disposição de fazer e for feita da forma mais democrática possível.

Há um avanço a ser consagrado nesta reunião de hoje e na assinatura deste protocolo, que é importante ressaltar. Há um avanço do governo, mas há



um avanço também dos dirigentes sindicais, e é importante a gente dizer porque isso faz parte da história. Não faz muito tempo que o movimento sindical urbano brigava por aumento de salário mínimo, como não faz muito tempo que no Brasil o governo se dispôs a discutir salário mínimo com os dirigentes sindicais urbanos. Na verdade, o salário mínimo era uma peça de ficção para discurso nosso no Dia 1º de maio. Isso valia para o Marinho, quando era presidente da CUT, para mim, quando eu era presidente sindical do ABC, e para todos vocês. A gente fazia um discurso no 1º de Maio, até porque a maioria das nossas categorias não representa o trabalhador de salário mínimo.

Qual é o avanço que nós estamos conseguindo aqui? Primeiro, criando um novo padrão de relacionamento entre o Estado brasileiro e a sociedade brasileira e as suas mais variadas organizações de representação da sociedade. No caso de vocês, essa representação com o chamado setor organizado dos trabalhadores brasileiros. Na hora em que a gente cria esse padrão de relacionamento, não importa quem venha a governar o Brasil daqui a 4 anos, 5 anos, 6 anos, 10 anos, não importa. Se esse padrão novo estiver consolidado e houver uma seriedade entre o governo federal, o Congresso Nacional e os sindicalistas, nós continuaremos estabelecendo um padrão de tamanha civilidade que as pessoas terão que acatar um acordo feito como esse quase que como uma lei, uma decisão de uma instância superior, porque aqui está expressa a vontade de um conjunto de pessoas que representam a sociedade brasileira.

E por que eu digo isso? Porque não era habitual no Brasil, e em nenhum país do mundo, e vocês sabem disso, essa relação entre governo e sociedade. Aqui está cheio de companheiros dos mais diferentes partidos políticos, das mais diferentes crenças religiosas, e a gente conta nos dedos, sobretudo nos dedos da minha mão em que falta um dedo, quantas vezes você conseguiram *in loco* uma audiência com o presidente da República? Quantas vezes? E não



são só os dirigentes sindicais não, são todos os segmentos da sociedade que não tinham espaço, quando muito o presidente chamava alguém que era seu amigo para conversar, mas trazer todo mundo para conversar, para ouvir, para discutir, para ouvir coisas contrárias, coisas a favor, isso não é hábito, não faz parte da cultura brasileira, e nunca fez.

Então, vocês precisam nos ajudar a construir esse novo padrão, que é um padrão que deve vir para ficar, para perpassar vários e vários governos, portanto, durar várias e várias décadas. E isso é, possivelmente, a maior conquista que nós estamos tendo nesta tarde de hoje, que é o segundo ano consecutivo que nós fazemos o acordo. E eu fiz questão de valorizar os companheiros que assinaram o Protocolo anterior e, quando na Câmara dos Deputados, faltando alguns meses para as eleições, alguém tentou mudar, os mesmos trabalhadores que aqui vieram foram lá protestar e dizer que era para vetar, e eu vetei com o maior prazer.

Pois bem, nós estamos repetindo esse novo acordo. Possivelmente não seja tudo o que cada um de nós sonhou. Agora, não menosprezem o que significa 30 reais para um homem que ganha um salário mínimo. Talvez quem ganhe 30 salários mínimos não saiba o valor que tem isso, talvez quem ganhe 20 salários mínimos não saiba, até porque 30 reais ele gasta de cerveja numa noite, mas para uma pessoa pobre, 30 reais às vezes significa o sustento dos próximos 15 dias. E todo mundo que vive de salário sabe o significado que tem, às vezes, uma moeda. Eu me lembro, quem é de São Paulo, aqui, eu estudava no Senai do Ipiranga, e também trabalhei na (inaudível), e eu me lembro quantas vezes – eu já tinha mudado para a Ponte Preta, divisa com São Caetano – por falta de uma moedinha de 50 centavos, eu andava a pé 12 quilômetros, e ainda tinha que me esconder naquele campo onde hoje é a Favela de Heliópolis. Naquele tempo era só campo de futebol. Quem lembra? Tinha uns 40 campos de futebol. Acontece que eu pegava o ônibus no ponto e a minha mulher pegava em um ponto antes de mim – minha mulher não, minha



noiva, depois virou minha mulher – e eu tinha que sair a pé, e toda hora que vinha um ônibus eu corria para o meio do campo para que a minha noiva não visse que eu estava andando a pé com a minha marmitinha, por causa de uma moedinha. E hoje nós sabemos quantos trabalhadores no centro de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, vão trabalhar a pé porque não têm essa moedinha, não têm 1 real, não têm 2 reais. Então, primeiro, é preciso valorizar, porque 30 reais é pouco para quem tem muito, mas é muito para quem tem pouco.

Há um ditado que diz o seguinte: pouco dinheiro nas mãos de muitos significa distribuição de renda, muito dinheiro nas mãos de poucos significa concentração de riqueza. Então, é importante que a gente valorize isso que vocês conseguiram fazer aqui. Isso não é uma coisa pequena, isso é uma conquista que vocês tiveram e que vocês estão passando para os trabalhadores que ganham salário mínimo, vocês que representam categorias que, na sua grande maioria, não ganham mais o mínimo, resolveram estender a mão para ajudar aquele companheiro que ainda não chegou onde vocês já estão. E isso não é pouca coisa. Se tivesse mais gesto de solidariedade e de grandeza de comportamento neste País, certamente nós teríamos avançado muito e muito mais vezes.

Segundo, é preciso que a gente tenha coragem de fazer as coisas que nós ainda não fizemos, porque fazer a mesmice qualquer um faz, fazer as coisas diferentes é que é o desafio que está colocado para nós. E eu vou dizer para vocês uma coisa: nós vamos ter que discutir reformas. Agora, uma coisa é discutir reforma em que o governo contrata meia dúzia de técnicos, prepara uma proposta e mando para o Congresso Nacional e fala: está pronta aqui a reforma, e coloca os líderes do governo para brigar com os líderes da oposição. Essa não deu certo e o resultado dela certamente é danoso à sociedade. Mas eu sonho em construir a reforma junto com vocês. Vamos criar os foros necessários, envolvendo os deputados, envolvendo os dirigentes



sindicais, envolvendo os trabalhadores da ativa, os inativos, o governo, e vamos sentar, vamos colocar as nossas diferenças em torno de uma mesa e vamos tentar discutir, depois de um diagnóstico muito correto, quais são as soluções que cada um de nós quer deixar para os nossos filhos no mundo do trabalho e no mundo da Previdência Social, e em tantas outras áreas. Este País nunca foi discutido pra valer, ele nunca foi discutido com a seriedade que precisa ser discutido. Eu, agora, fui reeleito mais quatro anos e não quero fazer o mesmo que já fiz nos primeiros quatro anos. Já fiz, está feito.

Agora temos que fazer uma coisa nova. E, pelo amor de Deus, não cometam o erro de fazer a palavra desenvolvimento ou crescimento econômico sem combinar junto com ela a palavra distribuição de renda, porque este País, eu já disse a vocês na outra reunião, este País, quando o PIB cresceu 13.94 em 1973, o salário mínimo teve uma perda real de 3,4%. Então, é preciso saber que nós avançamos muito até aqui porque, meu caro Salim, o Brasil não estava habituado a exportar importando, o Brasil não estava habituado a ter um crescimento das exportações com o crescimento do mercado interno, o Brasil não tinha experiência em microcrédito, o Brasil não tinha experiência de crédito consignado. Nada disso vinha da cabeça dos grandes acadêmicos, muito disso é da cabeça de vocês, o que mostra que se a gente souber, com muita paciência, utilizar a boca que a gente tem para falar menos e utilizar as duas orelhas para ouvir mais, a gente pode acertar. E pode acertar cada vez mais.

Eu fui sábado, no dia 23, numa cooperativa de catadores de papel em São Paulo, não pela quantidade de dinheiro que eles estão ganhando, mas pela quantidade de liberdade que eles estão ganhando: se organizar numa cooperativa, o BNDES dar crédito para aquelas pessoas aprenderem a tratar o papel, porque antes eram tratados como uma coisa de segunda, eu diria, cidadãos de segunda categoria ou terceira. Quem era que parava na rua para cumprimentar um catador de papel? Hoje eles nos chamam de companheiros e vão vir na nossa posse. Quem já imaginou um catador de papel vir na posse de



um presidente da República, ou um morador de rua vir? Eles estão vindo porque estão adquirindo consciência, e muitos deles ainda não chegaram ao padrão de um trabalhador de salário mínimo.

Então, vocês imaginem o que nós temos para fazer pela frente. Que vocês façam quantas marchas vocês quiserem fazer, mas que a gente nunca perca de vista que depois de cada marcha nós temos que dar um resultado para ela. E o resultado não é fazer uma outra marcha no ano que vem, é resolver o problema de cada marcha numa mesa de negociação. Enquanto eu for presidente da República, vocês poderão ver o defeito que quiserem ver no governo, mas vocês não verão, nunca, o defeito de que neste governo não houve espaço para as lamúrias, para os reclames, mas também para as concordâncias, também para os acertos. E eu acho que nós temos condições de avançar muito mais, estamos apenas começando.

Os primeiros quatro anos foram apenas uma demonstração do que é possível fazer. E desburocratizar o País, meu caro Salim, às vezes a gente mexe com a estrutura corporativa, o que vai precisar da compreensão de vocês, porque senão, no mundo, a história nos ensina que é mais fácil ficar como está do que tentar fazer qualquer mudança. E, afinal de contas, para que vocês entraram no sindicato? Para que eu virei presidente da República? Para virar a mesmice? A mesmice não precisava de nós. O que precisa de nós é um novo que está dentro de nós, e nós não estamos perto, como diz o Paulinho, porque em 2023, eu quero estar aqui, tossindo menos do que eu estou agora, reivindicando mais conquistas para o conjunto da sociedade brasileira.

Então, meus companheiros, eu quero agradecer. Quero agradecer porque o ano de 2006 termina de forma altamente positiva. Houve quem não acreditasse nisso, houve quem esperasse o caos, e o caos não aconteceu, porque neste País tem uma coisa que as pessoas precisam aprender a respeitar, que nem sempre é levada em conta nas avaliações políticas, nem sempre é levada em conta em estudos, chamada povo, essa coisa chamada



povo é muito poderosa quando ele se move, e o povo brasileiro está se movendo e vai se mover cada vez mais porque quanto mais ele se move, mais nós iremos consolidar a democracia neste País.

E quero terminar dizendo para vocês: nós, vocês sindicalistas, companheiros parlamentares, a sociedade brasileira e o governo precisam botar na cabeça que nós não estamos aqui apenas para governar, nós estamos aqui para cuidar deste País. E cuidar deste País significa a gente tratar o povo como a mãe da gente trata os filhos: cuidar dos que mais precisam, em primeiro lugar, evitar que eles continuem cada vez mais miseráveis. Este não é o compromisso do presidente Lula, não. Eu quero que vocês saibam que a responsabilidade de vocês é do tamanho da minha, embora haja diferença de cargo. Mas a nossa responsabilidade, como seres humanos, como brasileiros, que acreditamos na construção de um outro país, passa por sermos cúmplices na hora de fazer as coisas boas e ser democráticos na hora de fazer as críticas que têm que ser feitas.

Hoje, vocês só merecem aplausos. Parabéns, Marinho, por tudo o que vocês fizeram, e parabéns aos sindicalistas.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL271206.DOC>